

## A Formação de Educadores Musicais para Inclusão Escolar

### Comunicação

#### GTE 12 -

#### Ensino de música, inclusão e antipacitismo

*Adiel de Souza Ribeiro*  
Universidade Estadual do Pará  
adielribeiro2024@gmail.com

*Valdecíria da Conceição Lamego Paulino*  
Universidade Estadual do Pará  
valdeciria.lamego@uepa.br

*Leonardo Paracampos Couteiro*  
Universidade Estadual do Pará  
leonardoparacampo@gmail.com

**Resumo:** Em pleno século XXI, o debate sobre a inclusão de pessoas com deficiência representa um desafio significativo para a educação brasileira. Apesar da reintegração da música ao currículo escolar em 2011, observa-se que os docentes de Educação Musical enfrentam dificuldades para adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades dos alunos com deficiência. Este artigo tem como objetivo refletir sobre a presença ou ausência de práticas inclusivas nas aulas de música em duas escolas da Rede Básica de ensino em Belém/Pa. Além disso, busca destacar a importância da inclusão no ensino de música, descrever as atividades vivenciadas no estágio supervisionado e analisar as metodologias de ensino observadas no contexto escolar. A pesquisa foi realizada por meio de observação direta, na disciplina Arte/Música do ensino fundamental. Os resultados apontam que o papel do professor como mediador, aliado à colaboração entre diferentes profissionais, é fundamental para enfrentar os desafios da inclusão. Evidencia-se também a necessidade de formação continuada dos docentes e a de políticas educacionais que valorizem a diversidade, contribuindo para uma educação musical mais justa, equitativa e sensível às singularidades dos alunos.

**Palavras-chave:** Educação Musical, Inclusão, Práticas Pedagógicas.

## Introdução

Em pleno século XXI, o debate sobre a inclusão de pessoas com deficiência permanece um desafio significativo, evidenciando a complexidade do binômio Exclusão versus Inclusão na sociedade contemporânea. A democratização do acesso à educação nas escolas exige mudanças substanciais nas estruturas do sistema de ensino e nas práticas pedagógicas de modo a garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou necessidades especiais, tenham acesso a uma educação de qualidade.

Neste contexto, mesmo após reintegração da música ao currículo escolar em 2011, observa-se que os docentes de Educação Musical frequentemente enfrentam o desafio constante de adaptar suas práticas para atender alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades. Essa demanda exige um olhar atento, e comprometido com o crescimento contínuo da educação inclusiva.

Este artigo apresenta um relato de experiência vivenciado durante o estágio supervisionado em Educação Musical e tem como objetivo refletir sobre a presença ou ausência das práticas inclusivas nas aulas de música em duas escolas da Educação Básica de ensino em Belém/Pa, além de destacar a importância de práticas inclusivas no ensino de música na Educação Básica, descrever as atividades de educação musical vivenciadas em campo de estágio e refletir sobre as metodologias de ensino da música encontradas em campo de estágio. A partir da vivência em campo, busca-se discutir sobre os desafios e possibilidades da inclusão no ensino da música, articulando aspectos teóricos, práticos e reflexivos.

Filho (2011) destaca que o estágio supervisionado transcende o simples cumprimento das exigências acadêmicas, configurando-se como uma oportunidade de crescimento tanto pessoal quanto profissional. Além disso, ele serve como um importante instrumento para a integração entre universidade, escola e comunidade. Ao vivenciar o cotidiano escolar, o estagiário pode aplicar a teoria aprendida em sala de aula, refletir sobre os desafios das práticas docente e construir saberes a partir da experiência.

Justifica-se este estudo pela necessidade de fomentar o debate sobre a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais na Educação Básica e pela urgência de repensar as práticas pedagógicas adotadas por educadores musicais.

Complementarmente, o artigo busca evidenciar a importância da atualização constante desses profissionais frente às demandas da contemporaneidade.

A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, utilizando técnicas de observação direta no contexto da Educação Básica. Segundo Gil (2002), o estudo de campo permite compreender as dinâmicas de grupos humanos em seus contextos específicos, enquanto Martins (2004, p. 298) ressalta que a abordagem qualitativa é adequada para investigar fenômenos sociais que exigem reflexão profunda e interpretação crítica.

## **Perspectivas Inclusivas no Ensino de Música na Educação Básica: Um Olhar pela ABEM.**

Para elucidar o panorama do estado da arte da Educação Musical, é importante compreender segundo Mantoan (2003) que a inclusão escolar não se limita a presença física do aluno com deficiência na sala de aula, mas envolve a construção de práticas pedagógicas que respeitem as diferenças e promovam a aprendizagem a todos.

Optou-se por analisar os resumos dos artigos disponíveis nos repositórios da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), utilizando os termos de busca “inclusão” e “música”, no período de 2020 a 2025. Embora tenham sido encontrados 13 artigos, nenhum deles aborda diretamente o ensino da música no contexto da Educação Básica. Diante disso, optou-se por analisar um único artigo que trata da temática da inclusão musical no contexto de um projeto social, por considerar que ele ainda oferece contribuições relevantes para a discussão sobre práticas pedagógicas inclusivas na educação musical.

Intitulado “Práticas de percussão e transtorno do espectro autista em projeto social: entrevistando pais e responsáveis” (Neto; Louro, 2024) examina os limites e possibilidades da Educação Musical Inclusiva, com foco nas práticas de percussão para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Ele analisa as atividades realizadas no Projeto de Percussão Social Atoque, em Santa Maria (RS), investigando os efeitos dessa intervenção musical em aspectos sociais e de aprendizagem dos participantes. Por meio de entrevistas semiestruturadas com pais e responsáveis, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa para compreender as experiências

das crianças e adolescentes, além de estimular o educador a atuar como protagonista reflexivo na construção de narrativas formativas.

Os resultados evidenciam que as oficinas de percussão contribuíram para a inclusão social dos jovens participantes, reforçando a importância da música como ferramenta educativa e integradora. O estudo destaca como as atividades no projeto abriram espaço para o diálogo, aprendizagem e reflexões significativas, construindo um ambiente favorável à interação e ao desenvolvimento integral. Com base nas narrativas coletadas, o trabalho enfatiza o papel da música na promoção de conexões sociais e na criação de um espaço de troca que valoriza a diversidade.

Ao longo da última década, observa-se que a produção acadêmica voltada à Educação Básica inclusiva ainda é modesta, sobretudo diante da crescente demanda por professores de música capazes de adaptar metodologias que promovam experiências significativas para todos os alunos. Louro (2015, p. 34) salienta que a inclusão não se limita à presença física de alunos com deficiência no ambiente escolar, mas exige uma reestruturação profunda das práticas pedagógicas e das relações interpessoais.

Nesse cenário, é relevante resgatar os fundamentos lançados por John Dewey do movimento Escolanovista, que emergiu no início do século XX com propostas de renovação educacional centradas no aluno, na experiência e na valorização da infância (Rocha, 2016, p. 101). A Educação Musical, nesse contexto, passou a dialogar com os chamados métodos ativos, que propunham o aprendizado centrado no aluno, valorizando a participação e experimentação por meio da vivência musical, canto, movimento, improvisação, jogos e práticas coletivas, em oposição ao ensino tradicional baseado na repetição e na técnica isolada.

No Brasil, uma das figuras pioneiras na aplicação desses princípios foi Liddy Chiaffarelli Mignone, que em 1948 criou o curso de especialização em iniciação musical. Sua proposta metodológica estava alinhada às ideias Escolanovistas e aos métodos ativos europeus, como os de Dalcroze, Orff e Willems, que ela conheceu em viagens de estudo. Mignone defendia uma formação musical que respeitasse o desenvolvimento psicológico e emocional da criança, promovendo práticas lúdicas e inclusivas desde os primeiros anos escolares. (Rocha, 1997, p. 5).

Ao integrar disciplinas como psicologia, pedagogia e metodologias de ensino musical, seu curso exigia estágios supervisionados, defesa de monografia e atuação prática com crianças em diferentes contextos, incluindo escolas públicas, instituições voltadas a pessoas com deficiência e espaços populares. Essa abordagem antecipava, de forma visionária, os debates contemporâneos sobre inclusão, ao reconhecer a diversidade como elemento constitutivo da prática pedagógica (Rocha, 2017, p. 32)

Assim, ao lançar um olhar pela ABEM e pelas práticas atuais, é possível perceber que os princípios Escolanovistas e os métodos ativos continuam sendo referências fundamentais para a construção de uma educação musical inclusiva, crítica e sensível às realidades sociais.

### **Entre ritmos e realidades: experiências de estágios na Educação Musical.**

Ao relatar as práticas observadas e vivenciadas durante o estágio, busca-se compreender os desafios e as possibilidades de uma educação inclusiva na prática escolar dentro da disciplina Educação Musical. Além disso, pretende-se destacar a importância de políticas educacionais que promovam a formação continuada dos docentes e o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inclusivas (Costa, 2023 p.25) Através das experiências e análises aqui apresentadas, espera-se fomentar o debate sobre a inclusão e incentivar práticas que contribuam para uma educação mais justa e equitativa. Os relatos são de duas escolas de ensino fundamental em Belém/PA, sendo uma da rede pública e outra da rede privada.

#### **Inclusão musical na prática escolar: vivências na Escola Pública**

Inicialmente, foi possível observar as práticas do professor de música com alunos de diversas idades e perfis educacionais. As aulas se mostraram ricas em possibilidades expressivas, revelando o potencial da música como ferramenta de desenvolvimento sensorial, emocional e social. As atividades propostas incluíram a construção de instrumentos alternativos, prática instrumental e coletiva, apresentação de naipes de orquestra e preparação para a culminância do projeto de Natal. A participação dos alunos nessas atividades evidenciou o envolvimento e a ampliação de suas formas de expressão.

Durante o estágio ministrei duas aulas que culminaram em apresentações públicas: uma em comemoração ao Dia dos Professores e outra em um evento universitário. Nessas ocasiões, foram utilizados instrumentos como cavaquinho, violão, percussão, flauta doce e violoncelo. Minha atuação envolveu tanto a condução do canto coral quanto a execução instrumental, o que me permitiu experimentar diferentes dimensões da prática docente musical.

A equipe pedagógica envolvida nas atividades era composta por professores de música, educação física e oficina. O trabalho colaborativo entre esses profissionais buscava promover projetos interdisciplinares, ampliando as possibilidades de aprendizagem dos alunos. No entanto, observou-se que, diante de demandas específicas, como as de alunos com comportamentos atípicos, surgiam dificuldades de adaptação e inclusão.

Um caso emblemático foi observado em uma turma do quarto ano, onde um aluno, sem diagnóstico formal de disfunções cognitivas, apresentava comportamentos desafiadores. Ele frequentemente gritava em sala, utilizava estereotipia vocal emitindo sons desconexos, sem formar frases inteligíveis e não possuía acompanhante de suporte. Tais comportamentos podem estar associados a Transtornos do Espectro Autista (TEA) ou outras condições que afetam a comunicação e o comportamento social (American Psychiatric Association, 2013). A presença desse aluno exigia adaptações constantes por parte dos professores, que nem sempre conseguiam dar continuidade às atividades planejadas.

Diante desse cenário tornou-se evidente a importância de estratégias pedagógicas inclusivas e sensoriais capazes de atender as necessidades específicas do aluno. Atividades como pintura mostraram-se eficazes para manter o aluno mais concentrado, sugerindo que abordagens individualizadas podem favorecer sua participação (Grandin, 2006). Além disso, a formação continuada dos professores em Educação Inclusiva e a presença dos assistentes especializados são medidas fundamentais para garantir uma inclusão efetiva (Mantoan, 2003; Souza, 2010).

O estágio também revelou a importância da postura do estagiário diante dos desafios da sala de aula. Manter a tranquilidade, estar aberto ao aprendizado e não temer os erros são atitudes essenciais para aproveitar essa experiência formativa. Como afirma Freire (1996, p. 42), o estágio deve ser um espaço de articulação entre teoria e prática onde o futuro educador

possa construir sua identidade profissional com base na reflexão crítica e no compromisso com uma educação transformadora.

### **Educação musical inclusiva: estratégias para alunos com TEA na Escola Privada.**

A educação musical, quando inserida em um ambiente escolar inclusivo, revela-se uma poderosa ferramenta para promover o desenvolvimento integral dos alunos, especialmente daqueles com necessidades específicas. Este relato descreve e analisa práticas pedagógicas voltadas para a inclusão de um aluno do 1º ano do ensino fundamental, diagnosticado com TEA, nível 2 de suporte, durante as atividades de estágio supervisionado em Educação Musical.

As estratégias adotadas nas aulas de música foram cuidadosamente planejadas para atender às particularidades desse aluno. As atividades incluíram o uso da música com ritmos repetitivos e movimentos simples, favorecendo a previsibilidade e o engajamento. Tais recursos mostraram-se eficazes para estimular a participação e reduzir comportamentos de resistência. A presença de uma cuidadora foi essencial, tanto para auxiliar na execução das atividades quanto para intervir em momentos de crise, garantindo a segurança e o bem-estar do aluno.

Apesar dos avanços, os episódios de agressividade representaram um desafio significativo. A resposta dos professores, pautada em redirecionamento de condutas e promoção de momentos de tranquilidade, evidenciou a importância de uma abordagem pedagógica flexível e sensível. A manutenção de uma rotina estruturada e previsível contribuiu para reduzir a ansiedade do aluno, reforçando a necessidade de metodologias que respeitem a individualidade e os desafios específicos de cada estudante.

As experiências vivenciadas durante o estágio reforçam a relevância de práticas inclusivas e adaptadas no ensino da música. A simplicidade e a repetição, quando utilizadas de forma intencional, mostraram-se eficazes para envolver alunos com TEA. Além disso, a colaboração entre professores e cuidadores destacou-se como elemento fundamental para o sucesso das estratégias pedagógicas, evidenciando que o trabalho em equipe é indispensável para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

## **Metodologias de Ensino de Música: caminhos para uma Educação Inclusiva e criativa.**

Das práticas observadas durante o estágio supervisionado, a construção de instrumentos alternativos se mostrou bastante eficiente. Essa abordagem, além de estimular a consciência ambiental, promove o engajamento dos alunos por meio da experimentação e da ludicidade. A criança é naturalmente lúdica e, ao brincar e explorar, faz música. Desde cedo, ela explora os objetos como fontes sonoras, repetindo e variando os sons com curiosidade e intenção (Pecker, 2017, p. 41). Ao construir seus próprios instrumentos, os estudantes desenvolvem habilidades motoras, cognitivas e criativas, participando ativamente do processo de aprendizagem.

Essa metodologia se alinha aos princípios dos métodos ativos, como os de Dalcroze, Orff e Willems, que valorizam a vivência musical por meio do corpo, do movimento e da improvisação. Ao invés de uma abordagem na técnica, esses métodos propõem atividades que envolvem o aluno de forma integral, respeitando seu ritmo e suas potencialidades.

A preparação para eventos como a culminância de Natal revelou o potencial da colaboração entre diferentes áreas do conhecimento. A atuação conjunta de professores de música, educação física e oficinas permitiu a criação de experiências educativas mais ricas e integradas. Essa interdisciplinaridade favorece a construção de projetos coletivos, nos quais a música dialoga com outras linguagens e saberes, ampliando o repertório cultural dos alunos.

A inclusão de alunos com necessidades específicas exige metodologias flexíveis e sensíveis. Durante o estágio, observou-se que atividades sensoriais, como pintura e uso de ritmos repetitivos, foram eficazes para envolver alunos com comportamentos desafiadores ou com diagnóstico de TEA. Ao explorar movimento e o ritmo de forma estruturada, essas práticas contribuem para consolidar o senso rítmico, considerado fundamental na formação musical (Mignone; Fernandez, 1947, p. 5). A previsibilidade e a simplicidade dessas atividades contribuem para reduzir a ansiedade e promover a participação. A presença de cuidadoras e o trabalho conjunto entre professores de diferentes áreas reforçam a importância de uma abordagem multidisciplinar e colaborativa, que reconheça a inclusão como esforço coletivo.

Essa perspectiva se articula diretamente com a abordagem PONTES, proposta por Alda Oliveira (2015), que defende a construção de pontes pedagógicas entre os saberes

musicais, os contextos socioculturais e os sujeitos da aprendizagem. Ao promover ações articuladoras que envolvem múltiplos atores – professores, cuidadores, comunidade escolar – essa abordagem valoriza a mediação criativa e sensível como caminho para uma educação musical significativa. As práticas observadas nos estágios, como adaptação de atividades para alunos com TEA e a colaboração entre docentes de diferentes disciplinas, exemplificam essas pontes pedagógicas, que conectam os conteúdos musicais às realidades dos alunos, respeitando suas individualidades e promovendo a inclusão de forma efetiva.

Atividades sensoriais, como música e pintura, também se destacam como recurso pedagógico valioso para lidar com comportamentos desafiadores. Ao oferecer estímulos táteis e visuais, essas práticas ampliam as possibilidades de comunicação e expressão, especialmente para alunos que apresentam dificuldades verbais ou na interação social.

Nesse contexto, os métodos ativos e os princípios Escolanovistas, como os defendidos por Dewey e Mignone, continuam sendo referências fundamentais. Ao colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, essas metodologias promovem a autonomia, experimentação e o protagonismo, elementos fundamentais para uma educação musical inclusiva e criativa.

Nesse sentido, a inclusão deve ser vista como um processo contínuo e dinâmico para a construção de uma escola que acolha a todos, respeitando e valorizando a diversidade. Trata-se de um esforço conjunto para estabelecer práticas educacionais que garantam a participação efetiva e a interação plena dos alunos, promovendo uma educação mais justa e igualitária. Além disso, Plaisance (2015, p. 236) argumenta que a inclusão escolar é um reflexo de uma sociedade que busca superar as desigualdades e garantir a todos os indivíduos o direito à educação. Para Plaisance, é essencial uma abordagem inclusiva que considere as singularidades de cada aluno e ofereça suporte adequado para seu desenvolvimento pleno.

## Considerações finais

Ao longo do curso de Licenciatura em Música, o estágio supervisionado representa uma etapa decisiva na formação docente, pois permite aos futuros professores vivenciar a realidade escolar e confrontar os desafios da prática pedagógica. É nesse espaço que se inicia

a construção da identidade profissional, sendo fundamental que essa trajetória formativa esteja comprometida com princípios de justiça social e com uma postura anticapacitista.

A experiência em duas escolas de ensino fundamental em Belém/Pa evidenciou a importância de metodologias musicais inclusivas e adaptadas. As atividades criativas e interdisciplinares mostraram-se eficazes para promover o engajamento dos alunos e favorecer o desenvolvimento musical, especialmente no caso dos alunos com necessidades educativas especiais. Adaptação de conteúdo, uso de recursos sensoriais e a manutenção de rotinas estruturadas revelam-se estratégias fundamentais para a inclusão.

O papel do professor como mediador e a colaboração entre diferentes profissionais foram elementos centrais para enfrentar os desafios e construir um ambiente de aprendizagem acolhedor. Essas experiências reforçam a necessidade de formação continuada dos docentes e de políticas educacionais que valorizem a diversidade, contribuindo para uma educação mais justa, democrática e transformadora.

## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. 5. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.

COSTA, Lucian José de Souza Costa e. *Formação continuada de professores de música: uma proposta de ensino-aprendizagem por intermédio da pesquisa e prática docente*. 2023. 213 f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém. Disponível em: <<https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/15649>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. *Pedagógicas*. 2. ed. Campinas, SP: Editora Átomo, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANDIN, Temple. *Thinking in pictures: my life with autism*. Expanded edition. New York: Vintage Books, 2006.

LOURO, Viviane dos Santos. Educação musical inclusiva: desafios e reflexões. In: SILVA, Helena Lopes da; BAÊTA, José Antônio (Org.). *Música e educação*. Barbacena: UdEUMG, 2015. (Série Diálogos com Sons. Ensaios, v. 2). p. 33–48.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?*. São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289–300, maio/ago. 2004. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/ep/article/view/27936>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MIGNONE, Liddy Chiaffarelli; FERNANDEZ, Marina Lorenzo. *Iniciação musical: treinos de ouvido, ritmo e leitura*. Rio de Janeiro: Edições Tupy, 1947.

NETO, Ivo Pereira da Costa; LOURO, Ana Lúcia. Práticas de percussão e transtorno do espectro autista em projeto social: entrevistando pais e responsáveis. *Revista da ABEM*, [s. l.], v. 32, n. 2, e32217, 2024. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1327>>. Acesso em: 5 out. 2025.

OLIVEIRA, Alda de Jesus. *A abordagem PONTES para a Educação Musical: aprendendo a articular*. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

PECKER, Paula Cavagni. *A prática percussiva de bebês: análise microgenética e reflexões pedagógicas*. 2017. 142 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PLAISANCE, Éric. Da educação especial à educação inclusiva: esclarecendo as palavras para definir as práticas. *Educação* (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 2, p. 230–238, maio–ago. 2015.

ROCHA, Inês de Almeida. *Liddy Chiaffarelli Mignone: reconstruindo sua trajetória*. 1997. 213 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1997.

ROCHA, Inês Rocha de Almeida. Liddy Chiaffarelli Mignone: sensibilidade e renovação no estudo da música. In: MEDEIROS, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias brasileiras em educação musical*. Curitiba: Intersaberes, 2016. p. 97–116.

ROCHA, Inês Rocha de Almeida. Modernidade e modernismo na iniciação musical e nas práticas educativas de Liddy Chiaffarelli Mignone. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 25, n. 39, p. 20–38, jul./dez. 2017.

SOUZA, Maria Eliza Figueiredo. *A importância do atendimento educacional especializado na escola inclusiva*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.